

Professor pede espaço para debater Plano

A discussão sobre a implantação do Plano Quadrienal (1987-90) da Secretaria de Educação não está envolvendo os professores, ao contrário do que vem afirmado o secretário Fábio Bruno. A declaração é do professor de história e membro da Comissão Regional da Ceilândia que estuda o Plano, Luiz Basílio Rossi. Como vem acompanhando sistematicamente o processo de implantação, Rossi tem algumas críticas ao encaminhamento da discussão pelo Governo e também à falta de posicionamento do Sindicato dos Professores em relação à questão.

Rossi é professor da Fundação Educacional há cinco anos e acha fundamental que se discuta mais amplamente o Plano Quadrienal. "Não existe discussão aprofundada sobre o assunto, essa questão é vista de forma muito superficial pelos professores e a Secretaria tem usado uma estratégia que leva ao não envolvimento dos professores", comenta. De acordo com ele, a declaração do secretário de Educação de que a discussão do Plano está sendo feita de baixo para cima não é verdadeira.

Algumas medidas definidas no Plano Quadrienal já estão sendo executadas, mas ele deverá ser implantado mais efetivamente em 88. Para a discussão dessa proposta a rede pública de ensino foi dividida em 10 regiões. Até depois de amanhã, todas as escolas deverão fazer um levantamento de suas necessidades e encaminhar os resultados à comissão regional de sua cidade-satélite.

Em seguida, as comissões regionais organizarão

todos os dados recebidos, que serão repassados à comissão intermediária do Plano Quadrienal. Essa comissão, formada por pessoal da direção da Fundação Educacional, reunirá os projetos de todas as regiões e os encaminhará a uma comissão Central que formulará o projeto final de implantação do Plano. O projeto final deverá ser aprovado pelo Conselho Regional de Educação para ser implantado no ano que vem.

Luiz Rossi condena a estratégia da Secretaria de Educação no debate com os professores. Na sua opinião a discussão envolveu a comunidade escolar porque "a secretaria jogou todas as fichas nos diretores e no pessoal de apoio pedagógico". Os professores e a comunidade não teriam sido priorizados nesse debate: "Quem ficou sabendo de alguma coisa foi o diretor e nem sempre ele tem percepção para levar aos professores a discussão da questão".

O Sindicato dos Professores também teria sua parcela de responsabilidade pelo alheamento da categoria. Para Rossi, o sindicato não abriu a discussão aos professores, que se encontram desinformados e não têm posição acerca do plano. "Isso deixa os professores à mercê da FEDF, pois senão sabem do que se trata o plano, não podem fazer críticas ou propor modificações".

Rossi considera importante que os professores ocupem todos os espaços de discussão e se posicionem a nível sindical. "O Fábio Bruno disse que a eleição para diretor de escola deveria acabar e não houve

reação de ninguém, nem mesmo do Sindicato", comenta preocupado. Segundo ele, se a eleição para diretor for extinta, será devido à desmobilização dos professores.

O Plano Quadrienal tem aspectos positivos e negativos, na visão de Luiz Rossi. Os pontos negativos seriam a desvinculação do programa da proposta curricular da Fundação Educacional, aprovada em 1985. "O Plano Quadrienal é um corpo sem alma, uma casa sem vida", compara. Ele acredita que a ausência de uma proposta curricular ou filosófica poderá levar a uma enorme frustração. "O Plano é manipulável porque, por exemplo, inclui o princípio da liberdade, mas não define o que é liberdade".

Outra crítica de Rossi é quanto à regionalização. A rede oficial seria dividida por regiões, o que eliminaria a atual divisão por complexos. No entanto, segundo o professor, não houve orientação da comissão central para que fossem realizados levantamentos e estudos acerca das condições sócio-econômicas da comunidade a ser atendida pelas escolas. "O projeto do Gama pode acabar sendo igual ao projeto do Plano Piloto", esclarece.

Apesar da falta dos estudos, o professor acha que a regionalização é um dos pontos positivos do Plano Quadrienal. "Isso permite que a educação desenvolvida pela FEDF na Ceilândia não seja igual ao Plano Piloto. Além disso, a discussão possibilita o estudo mais aprofundado dos problemas da escola, acredita Rossi.